

POR Maria João Caetano

Voltar é o verbo preferido no Festival de Almada

São muitos os artistas, portugueses e estrangeiros, que estão de volta ao Festival de Teatro de Almada. A pintora Graça Morais desenhou o cartaz da 33.^a edição, que se realiza de 4 a 18 de julho, com 29 espetáculos de sala – quatro deles são estreias – e ainda exposições, animação e conferências

A encenadora e atriz norueguesa Juni Dahr esteve pela primeira vez no Festival de Almada há três anos, arrecadando o prémio do público com *Mulheres de Ibsen*, um espetáculo no qual passava em revista algumas das heroínas do dramaturgo. No ano passado, voltou como espectadora e ficou encantada com a Casa da Cerca, com os jardins, o terraço, a sua vista sobre o Tejo, com Lisboa ao fundo. “Isto é a sala de Hedda Gabler”, comentou. E começou assim a nascer a ideia de fazer ali *Hedda Gabler*: numa sala que se adequa a “um espetáculo íntimo”, para não mais de 60 pessoas.

Foi precisamente na Casa da Cerca que ontem foi apresentada a programação da 33.^a edição do Festival de Almada, que se realiza de 4 a 18 de julho. Como de costume neste festival, não é só Juni Dahr que é repetente. Foram muitas as vezes que o diretor, Rodrigo Francisco, começou a apresentar um espetáculo dizendo “este encenador já cá esteve em...” ou “já conhecemos esta companhia de...”.

É o caso do croata Ivan Buljan, que há dois anos encenou *Cais Oeste* com a companhia de Almada, e que agora regressa com *Pllades*, de Pasolini, numa produção da companhia nova-iorquina La Mama Experimental Theatre Club. Ou do alemão Thomas Ostermeier, que em 2002 esteve aqui com a Schabühne e uma encenação de *Disco Pigs* e que está de volta com dois espetáculos: *A Gaiivota*, de Tchekhov (uma produção do Théâtre Vidy Lausanne), e *Suns*, de Herbert Achternbusch (produção da Münchner Kammerspiele).

“Aqui sinto-me em casa”, disse Miguel Seabra, do Teatro Meridional – que já ganhou quatro vezes o prémio do público do festival de Almada e que desta vez estreia na Escola D. António Costa a sua nova produção: *A Lição*, de Ionesco. “Um texto atualíssimo, sobre a ambição e o poder e a perversão que lhes está ligada”, nas palavras do encenador, que também vai interpretar ao lado de Elsa Galvão e Sara Barros Leitão. *A Lição* é uma das estreias deste festival, tal como é *Não D'Amores*.

Não D'Amores foi o nome que a espanhola Ana Zamora escolheu para a companhia de teatro clássico que fundou há 15 anos. No entanto, apesar de terem feito vários espetáculos a partir de Gil Vicente, ainda nunca tinham trabalhado a *Não D'Amores* (*Nau de Amores*, na ortografia atual). Irão fazê-lo no próximo mês, naquela que será uma das quatro estreias do Festival de Almada. A obra foi escrita em 1527, para celebrar a chegada a Lisboa do rei D. João III e de sua mulher, Catarina de Áustria, e nunca mais foi representada. Ana Zamora, que também é uma presença

habitual no festival, explicou que está “muito entusiasmada” por ir estreá-la “na terra do autor”, numa coprodução com a Companhia de Teatro de Almada.

“Se houver um tema para o festival ele é o teatro”, diz Rodrigo Francisco, referindo-se à diversidade do programa. Há “novíssimo” teatro italiano ao lado de Shakespeare e Brecht ou ainda de *Cittá del Vaticano*, um espetáculo do alemão Falk Richter que lança um olhar provocante (para dizer o mínimo) sobre o Vaticano. Na extensa programação – são 29 espetáculos de sala, incluindo teatro, dança e música, além dos eventos paralelos – destaca ainda para a nova criação da companhia da casa: *O Feio*, texto de Marius von Mayenburg que será encenado pelo italiano Toni Cafiero. Será um espetáculo em tons de comédia sobre a importância da imagem e a noção de beleza nos tempos que correm.

Este ano, o homenageado é o encenador Ricardo Pais que – depois de Luís Miguel Cintra e Peter Stein nas edições anteriores – terá uma exposição (*Montra*) alusiva ao seu trabalho e também dará três “lições”. Pouco à vontade no papel de mestre mas com muito humor, Ricardo Pais explicou: “Descobri, depois destes anos todos, que o que se salva do meu trabalho é o método. E é sobre isso que irei falar, a minha forma de trabalhar.”

Não sendo alvo de qualquer homenagem oficial, a pintora Graça Morais é uma das figuras desta edição: é a autora do cartaz do festival (“depois de ter sido convidada já duas vezes noutros anos, decidi aceitar); inaugurou ontem uma exposição na Casa da Cerca com alguns dos seus trabalhos e que se vai manter até setembro; terá, durante o festival, também expostos os biombos que fez para o cenário do espetáculo *Os Biombos*, de Genet, no Teatro Experimental de Cascais em 1993; e, não menos importante, vai estar em palco através do espetáculo *Graça – Suite teatral em três movimentos*, de Carlos J. Pessoa, com o Teatro da Garagem.

Esta edição do Festival Internacional de Teatro de Almada tem um orçamento de 793 500 euros, dos quais 257 500 são investimento da Câmara Municipal de Almada, 178 mil vêm do Ministério da Cultura e os restantes 358 mil são fruto de parcerias e receitas próprias. Além do Teatro Municipal Joaquim Benite e da Escola D. António Costa, palcos habituais, os espetáculos irão ser apresentados no Teatro-Estúdio António Assunção, Incrível Almada e Casa da Cerca, em Almada, e, depois, em Lisboa, no Teatro Nacional D. Maria II, no Centro Cultural de Belém, no Teatro da Trindade e no Teatro Taborda.



O encenador Ricardo Pais e a pintora Graça Morais, com o cartaz atrás, na apresentação da programação

Festival de Teatro de Almada
De 4 a 18 de julho. Almada e Lisboa.
Assinaturas: 44 a 70 euros.
www.ctalmada.pt